

MISÉRIA E COTIDIANO URBANO NO INÍCIO DO SÉCULO XX: UMA LEITURA SÓCIO-HISTÓRICA DE "O MOLEQUE RICARDO" DE JOSÉ LINS DO REGO¹

Jefferson Justino de Queiroz

Valniza Maria Nobre de Souza

Maria de Lurdes Lôpo Ramos (orientadora)

Durante as últimas décadas do século XIX e até meados do século XX, a cidade de Recife apresentou um aumento populacional e urbanístico. Devido à modernização dos antigos engenhos em usinas houve uma aceleração no processo de proletarização do trabalhador do campo, assim como a sua conseqüente migração para a cidade.

Segundo Araújo “tal movimento migratório foi em grande parte responsável pelo crescimento demográfico apresentado em Recife entre 1872 e 1920, quando a população quase que duplicou, passando de um total de 126.671 para 238.843 habitantes”².

Esta população que migrava do interior era composta em sua maioria de negros e mulatos, que haviam permanecido nos engenhos após a abolição da escravidão, sobre a condição de moradores, posseiros, diaristas, assalariados. Com o advento da modernização do campo e a conseqüente expulsão destes da terra, cabe-lhes então buscar refúgio na cidade, onde a vida aparentemente oferece-lhes condição de ascensão social. O moleque Ricardo, do livro homônimo de José Lins do Rego, também abandona o campo encantado pelas possibilidades que o mundo fora do engenho lhe oferece:

Todos os dias aquele ir e vir de trens, aqueles passageiros de boné na cabeça e guarda-pó, o povo de segunda classe, os que iam a Recife, a Paraíba, a Campina Grande, gente falando de feira, de cidades, de terras que não eram engenho, tudo isso fazia crescer a sua imaginação. Ficou pensando em fugir. (...) O melhor era ir mesmo. Ali não passaria daquilo.³

Neste trecho, podemos ainda perceber a fascinação que a modernidade passa a exercer nas populações, principalmente a partir das primeiras décadas do século XX. O trem, na qualidade de objeto condutor do Moleque Ricardo para sua nova vida, metaforicamente assume-se como próprio símbolo da modernidade, que devora os antigos valores e costumes, desmanchando tudo que é sólido. Os britânicos, pioneiros da revolução industrial - revolução esta responsável pela transformação do cotidiano das sociedades, inserindo nestas, de forma intrínseca, aparatos tecnológicos - investiram grande parte dos seus lucros

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “Usos da Literatura Pela História: Fontes, Fatos e Narrativas”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² ARAUJO, 2006

³ REGO, 2004. p.29,30

em malhas de ferro entre 1840 e 1859, e embora, os trens possuam sua função de escoamento de pessoas e de produtos, ainda assim “nem a demanda de transporte ferroviário (...), nem os lucros que poderiam ser esperados, podem explicar a paixão com a qual o público dos investidores britânicos se lançou na construção das estradas de ferro”⁴. Portanto, o trem, pode ser analisado como a própria metáfora da modernidade, e conseqüentemente, da urbanização que a cidade apresentava para as populações campestres, assumindo seu caráter fascinante e sedutor.

As feições da cidade de Recife estavam em progressiva transformação. Os espaços públicos, de acordo com Araújo,

Valorizaram-se com os melhoramentos verificados nos equipamentos e serviços urbanos – nos transportes e nas comunicações, com os calçamentos, iluminação, ajardinamento e arborização das principais vias públicas, saneamento e água encanada.⁵

Estas transformações, oriundas do processo de modernização da cidade, acabaram por alimentar a cobiça das elites em ocupar estes espaços urbanos, que passaram a usufruir destes em seus afazeres mundanos e diários, como também em ocasiões das celebrações de grandes festas coletivas, como o carnaval. Às populações suburbanas, restavam ocupar os subúrbios, localizados em áreas de manguezais ou nas encostas dos morros, vivendo em mocambos, muitas vezes compostos de materiais improvisados.

Segundo Gilberto Freyre, a evasão campestre proporcionava gradativamente um crescimento vertiginoso dos subúrbios e com isso, as habitações das classes subalternas deixavam de ser representadas pela senzala e passavam a assumir a forma dos mocambos: “Mas enquanto as senzalas diminuía de tamanho, engrossavam as aldeias de mucambos e de palhoças, pertos dos sobrados e das chácaras. Engrossavam, espalhando-se pelas zonas mais desprezadas da cidade.”⁶

Os primeiros registros de mocambos na cidade de Recife datam da segunda década do século XIX. Porém, depois da década de 20 do século XX, os mocambos passaram a serem vistos

Como tipos primitivos de casas populares “irremediavelmente ligadas à cidade” e também como objetos de intervenção estatal; como contraposto, apareceram “as habitações higiênicas, operárias ou de pequeno valor”. Isto é, a partir das primeiras décadas deste século, o mocambo surge “como um mal (...) como uma realidade indesejável (...) o perigo representado pelos mucambos era, há um tempo, sanitário e estético”, espalhado pelos bairros mais populosos da cidade.⁷

⁴ HOBBSBAWN, 1990. p.30

⁵ ARAUJO, op cit.

⁶ FREYRE, 1998. p. 153

⁷ PONTUAL, 2006

O Estado Novo, em Pernambuco, tratou de combater estes mocambos, que já faziam parte da paisagem urbana de Recife. O governo de Agamenon Magalhães tratou, em um primeiro momento, de destruir os mocambos. Porém, posteriormente, o Estado Brasileiro promoveu a construção de vilas habitacionais destinadas às entidades profissionais e corporativas e aos segmentos profissionais não-organizados, com a criação das carteiras prediais dos Institutos de Aposentadorias e Pensões – LAPs.

Desta forma,

A cidade modificava-se vertiginosamente pela decomposição do complexo rural; a cidade modificava-se pela emergência de novas forças sociais e políticas; a cidade modificava-se pelo crescimento do número de mocambos; a cidade modificava-se pela destruição de mocambos e pela construção de vilas habitacionais; a cidade tornava-se rebelde em suas múltiplas expressões⁸

Nesta Recife em transformação, seu espaço urbano era composto pelos bairros do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista, bem como parte de Santo Amaro, Graças, Encruzilhada, Afogados e Madalena. Os bairros suburbanos compreendiam a maior parte do território de Recife. Subúrbios esses, formados por parte dos últimos cinco bairros e dos bairros de Tejipló, Boa Viagem, Várzea, Poço, Casa Amarela e Beberibe. As áreas restantes em relação a esses seis últimos bairros formavam o quadro rural do município⁹.

O Bairro da Encruzilhada comporta um espaço significativo na narrativa de José Lins do Rego, pois é onde o Moleque Ricardo vai morar ao conseguir emprego de entregador de pão, poucos anos após ter chegado do engenho para cidade. O autor compõe, em sua narrativa, o cotidiano de um pãoeiro fadado a diariamente levantar para efetuar seu trabalho:

A manhã era alegre, e trabalho para Ricardo não era castigo. Saía pela encruzilhada. As casas fechadas. Só se viam pelas ruas operários que esperavam o trem e os que levavam, como ele, balaios de pão na cabeça. O homem que ia atrás dele tocava numa corneta fanhosa. Enchiam os sacos da freguesia dependurados pelos portões de ferro. A corneta acordava as criadas. Agora já ia por João de Barros, e o sol esquentava-lhe o rosto molhado de suor. Sentia a terra tremer nos pés quando a maxambomba passava por perto fazendo barulho medonho. Olhava para o trem apinhado de gente pobre que ia para o pesado. Com pouco balaio já não pesava na cabeça. Estava findo o serviço da manhã¹⁰.

Também nos subúrbios nota-se reflexo da modernização de Recife. A representação destes subúrbios na obra de José Lins do Rego, remete-nos sempre a figura do trem, “apinhado de gente pobre que ia para o pesado”, demonstrando inferência que a modernidade passava a fazer no cotidiano das pessoas, tanto em seu aspecto físico – O trem que estremece a terra quando passa fazendo um “barulho medonho” – quanto na forma de organização do

^{8 8} Ibid.

^{9 9} Ibid.

¹⁰ REGO, op cit p. 47, 48

trabalho, nos moldes industriais, com tendência para a mecanização do trabalhador, por isso “só se viam pelas ruas, operários que esperavam o trem e os que levavam, como ele, balaios de pão na cabeça”, por isso essa menção aos trabalhadores dos subúrbios. A cidade que modificava vertiginosamente seu espaço urbano fazia conviver, em interior e em seus subúrbios, o “antigo” composto por casas constituídas de materiais dos mais rústicos, podendo ser representadas na obra pela casa do masseiro Florêncio, que trabalhava junto a Ricardo na padaria do seu Alexandre, onde moravam:

O masseiro, a mulher, e quatro filhos, dormindo numa tapera de quatro paredes de caixão, coberta de zinco. Custava 12 mil reis por mês. A água do mangue, na maré cheia, ia dentro da casa. Os maruins de noite encalombavam o corpo dos meninos. O Mangue tinha ocasião que fedia, e os urubus faziam ponto por ali atrás dos petiscos. Perto da rua lavavam couro de boi, pele de bode para o curtume de um espanhol. Morria peixe envenenado, e quando a maré secava, os urubus enchiam o papo, ciscavam a lama, passeando banzeiros pelas biqueiras dos mocambos. Comiam as tripas de peixe que sacudiam pela porta afora. O bicho feio ficava de espreita, esperando.¹¹

A Constante referência aos urubus, feita pelo o autor de Moleque Ricardo representa a miséria dos subúrbios, em que a morte estava sempre presente, já que os urubus se alimentam de animais defuntos. Junto à figura do urubu está o curtume. Perto da casa de Florêncio “lava-se couro de boi, pele de bode para um curtume de um espanhol”. A referência ao curtume pode ser associada ao “moderno” que passava agora também a inserir as indústrias em seu contexto, criando as contradições do avanço tecnológico e industrial, ligado à degradação do espaço e do meio ambiente. José Lins do Rego retrata as manhãs nestes subúrbios, onde “o curtume fedia. Os urubus rondavam os quintais com aquele andar infeliz. Um sol bonito cobrindo tanta desgraça”¹²

Ricardo morava no próprio trabalho sem ser necessário pagar nada pela estadia. Nesta,

Ricardo dormia num quartinho nos fundos da venda. Só dava mesmo para sua rede e sua mala de folhas de flandres. De lá ouvia à noite o gemidos dos homens da padaria, cantavam. Era mais gemido, porque o que eles tiravam do peito era bem triste. Então o mestre português só esperava o serviço para abrir as lamentações de seus fados. Ricardo dormia assim.¹³

A imagem de casas miseráveis, composta por uma população formada por negros e mestiços, formada pela presença cada vez mais constante da imagem dos trabalhadores proletários, que abarrotam os trens que os levam ao trabalho, compunham a paisagem dos subúrbios recifenses. A constante referência à cultura dos ex-escravos quando se trata da descrição aos subúrbios de Recife, constata uma afirmação que se tornou clara: a maioria da população dos subúrbios recifenses no início do século XX era negra ou mestiça.

¹¹ Ibid, p.70-71

¹² Ibid., 2004. p.186

¹³ Ibid., 2004. p.48

Resquícios das religiões afro-brasileiras sobreviviam nos recantos dos subúrbios, resistindo além da repressão do Estado. As músicas cantadas na execução do trabalho eram semelhantes as que os escravos cantavam lembrando a África de onde foram arrancados, por isso o canto desses trabalhadores saía como um “gemido, por que o que eles tiravam do peito era bem triste”; reflexo da pobreza a qual estavam inseridos, e a conseqüente má qualidade de vida.

Esta industrialização a qual fazemos referência teve seu início no século XIX, mais precisamente em 1875 voltada para os bens de consumo duráveis. Porém, as relações de força que geriam a sociedade da época, impediram que a industrialização se desse com passos mais largos. Os usineiros, junto aos fornecedores de cana, formavam a classe dominante, e possuíam o poder econômico e político da época, impedindo o quanto podiam a ascensão dos industriais.

Mesmo assim, a industrialização se dá no início do século XX

Em decorrência das transformações havidas no campo, surgiram as primeiras fábricas no Recife, voltadas principalmente para o setor de consumo: têxtil e alimentício sobretudo. Outras atendiam às demandas da própria usina, como fábricas de sacarias, cal e veículos. Na capital, sede do grande comércio de importação e exportação, ampliou-se o número de agências bancárias, expandiram-se as atividades comerciais, os serviços e os equipamentos urbanos.¹⁴

Dentro deste movimento de industrialização, o movimento operário destaca-se enquanto resistência das classes suburbanas. Os operários tentavam, desde o final do século XIX, através de organizações desenvolvidas pelos próprios trabalhadores, reivindicar melhores condições de trabalho e aumentos salariais, além de uma constituição trabalhista que garantisse os seus direitos, quando conquistados. Desta forma,

Os primeiros anos do século XX reuniram algumas condições favoráveis à eclosão de movimentos reivindicativos dos trabalhadores: por um lado, uma conjuntura econômica propícia à obtenção de ganhos, com uma fase de expansão da economia iniciada em 1903; por outro, a proliferação de organizações operárias voltadas para a resistência, isto é, para a luta sindical.¹⁵

O Estado Novo apresenta-se enquanto mediador dos conflitos entre as elites industriais e os grupos operários. Entretanto, o que se vê é uma perseguição do Estado aos grupos de trabalhadores e a defesa dos interesses industriais. A forma de resistência caracterizou-se pelas grandes greves coletivas, onde operários de profissões diversas resolviam parar suas atividades. José Lins do Rego relata um momento de greve, que quando acontecia,

Só se falava agora da greve. Uma greve nunca vista, com tudo parado. Os jornais davam notícias minuciosas dos fatos. Padarias fechadas, bondes esquecidos pelos trilhos, trens

¹⁴ ARAUJO, op cit

¹⁵ BATALHA, 2000. p.39

parados. Operários enchiam as ruas e a polícia, de carabina, tomava conta das companhias, das fabricas¹⁶

A paralisação provocada pela greve no cotidiano da cidade, resultado da contraposição dos trabalhadores à exploração existente, os confrontos entre trabalhadores e policiais, definindo o papel do Estado Novo enquanto repressor destas manifestações, são tratados por José Lins do Rego em sua obra. A forma como a cidade se encontrava com suas “padarias fechadas”, seus bondes “esquecidos pelos trilhos” e seus “trens parados”, reflete o modo como o cotidiano moderno, juntos aos seus mecanismos que lhe dão ritmos – como os bondes e os trens –, também paralisavam com a greve.

O movimento operário em Recife pode ser compreendido, dentro do seu processo de modernização, como resultado de um contexto de miséria e de exploração proveniente desta mesma modernização. Os antagonismos sociais acentuados por esta geraram fatores suficientes para que as tensões sociais se acirrassem. Os grupos operários buscavam contestar uma realidade que havia sido fruto da urbanização e industrialização decorrente de um processo histórico de longa data. O cotidiano pobre do subúrbio, permeado por mecanismos e instituições de exclusão social, inclusive os mecanismos de repressão implantados no movimento trabalhista pelo Estado Novo, bastaria para tentar compor um clima de revolta e reivindicação. José Lins do Rego tenta expressar os sentidos do movimento operário através da personagem Ricardo. O moleque havia entrado no movimento, porém participava deste de forma distante, quase como um expectador, relatando suas impressões sobre aquilo. Cabe-nos analisar a ligação existente entre o movimento operário e os moradores dos subúrbios, que resistiam aos mecanismos de exclusão e à composição da miséria deste espaço urbano. Sendo assim,

A greve seria para que os filhos deles, as mulheres, comessem e vestissem (...) Ali na rua do Lima, dos homens que estavam ali não tinham um só em condição melhor que Simão. Meninos e mulheres em casa roendo patas de caranguejo, cheirando mangue, tomando banho juntos dos excrementos. Os urubus voando por cima deles. Todos eram iguais. O moleque via que os olhos de seus companheiros brilhavam como os dos filhos de Florêncio. Era a peste da fome¹⁷

Porém, o cotidiano dos subúrbios não deve ser resumido única e exclusivamente à miséria. Suas crenças, costumes, produções culturais e artísticas devem ser abordadas quando se busca relacionar cotidiano e miséria na Recife do início do século XX.

Desta forma, o carnaval, por ser uma festa que comporta diversas representações sociais, tanto das elites, quanto das classes populares e devido a sua importância enquanto festa pública será abordada neste artigo como um aparato cultural de contestação das classes dominantes pelas classes subalternas.

¹⁶ REGO, op cit p.296

¹⁷ REGO, op cit. p. 299

Segundo Ginzburg, o carnaval é

mito e rito no qual confluem a exaltação da fertilidade e da ambulância, a inversão brincalhona de todos os valores e hierarquias constituídas, o sentido cósmico do fluir destruidor e regenerador do tempo. Segundo Baktin, esta visão de mundo, elaborada no decorrer dos séculos pela cultura popular, se contrapõem, sobretudo na Idade Média, ao dogmatismo e seriedade da cultura das classes dominantes.¹⁸

O carnaval visto como uma transgressão das normas e da moral, como uma resistência expressa pela ironia da inversão brincalhona dos valores, constitui um elemento importante no cotidiano suburbano. Sendo assim, o carnaval popular vai ser marginalizado pelas elites, que almejam constituir uma nova forma de brincá-lo. Inspirados nos carnavais de Veneza, Roma, Paris e Nice, tais elites tentam sofisticar esta prática almejando combater as manifestações populares.¹⁹

Proíbem-se, desta forma, os jogos de Entrudo, que

Consistia em jogar nas pessoas que passavam ou nas que estavam nas janelas, portas ou nas que paradas nas ruas estavam, quietinhas da silva, açúcar, pó de carvão, lamas, ovos, goma, farinha do reino, água, cheiros, graxa, tisna, sebo, tinta, etc.²⁰

Era uma prática carnavalesca que havia sido trazida pelos portugueses. Os Imperadores Pedro I e Pedro II participavam inclusive destes festejos. Em Recife o entrudo era praticado no centro da cidade e nos bairros suburbanos, inclusive na área rural.

O carnaval urbano se diferenciava muito do carnaval rural. José Lins do Rego, narra suas impressões através das recordações de Ricardo, primeiramente no campo, onde “na casa-grande, às vezes, quando havia gente de fora, sacudiam água uns nos outros. E o coronel na calçada rindo-se das raivas e dos sustos que faziam as negras com as bacias d’água sacudidas com força. O Carnaval ali era só aquilo.” , enquanto que no carnaval na cidade

Tudo lhe parecia impossível. Viu negros velhos, meninos de três anos, mulheres feias, bonitas, brancas, pretas, tudo no frenesi se servindo de um prazer que lhe escapava. Não havia branco e não havia preto quando a música de um clube passava assanhando tudo. As moças de dentro dos automóveis, os que iam a pé, os homens importantes e os iguais a ele, todos como se fossem de uma mesma casa. Todos se conheciam. A música era de todos. Gente cantando, gente de gravata e de pés no chão. Os maracatus roncando e o cheiro de negras suadas, dos lança-perfumes. Os cafés cheios de bêbados engraçados, de sujeitos querendo brigar com todo mundo. as brigas, os pontapés, porque um atrevido pegara nos peitos de uma moça acompanhada. O povo ficava outro, inteiramente outro.²¹

¹⁸ GINZBURG, Carlo, 1987.p. 20

¹⁹ ARAUJO, op cit

²⁰ RABELO, 1978. p.118

²¹ REGO, op cit p.175

Durante o carnaval, as representações populares apresentavam sua força através das associações carnavalescas, muitas delas usando nomenclaturas alusivas ao trabalho, como “*Sapateiros, Funileiros (..) Pescadores (...), Usineiros da Matinha*”²². Havia, assim uma revalorização dos valores, um momento onde “ não havia branco nem preto”, embora esta expressão deva ser entendida sob o conceito de Ginzburg do Carnaval, como uma sátira dos valores vigentes, pois não devemos esquecer que o Estado promoveu uma repressão quando às praticas do Entrudo e ao uso de máscaras pelas classes subalternas, reservando-as ao luxuoso baile de máscaras. Porém, a elite local atentou para reconhecer a força cultural e política dos segmentos subalternos que expressos no contexto da festa carnavalesca, possuía bases concretas mais duradouras. O carnaval servia assim, para a classe suburbana representarem sua cultura, seu cotidiano e sua força política. Assim como a “musica era de todos”, os direitos e os acessos ao progresso urbano de forma benéfica também deveria ser de todos e não se resumir a pequenos grupos sociais.

Por fim, podemos concluir que o processo de urbanização e modernização de Recife, no período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX se caracterizou pela exclusão das classes subalternas. Foi um processo que provocou mudanças profundas no cotidiano da cidade. A transformação da paisagem urbana e a conseqüente invasão e degradação do meio ambiente, notada de forma mais intensa nos subúrbios, insere as pessoas em um novo ritmo de vida, de trabalho, tendendo para a individualização destes sujeitos, que passam a interagir cada vez mais com os aparatos tecnológicos em seus cotidianos. A inferência do Estado nestes espaços suburbanos não melhorou as suas condições de vida. A miséria continuou inerente àqueles locais, onde a predominância por pessoas negras e mestiças, apenas reforça o argumento de que se trata de um processo excludente de modernização da cidade, e que, porém, encontra resistência por parte das classes subalternas, representadas pelo movimento trabalhista e pela grande festa pública que é o Carnaval. A importância da obra de José Lins do Rego está na própria visão que o autor representa. O autor era neto de um senhor de engenho e foi criado sob os valores patriarcais. O contexto em que ele escreve a obra é marcado pelo declínio patriarcal, pela representação da grandeza senhorial, pela perda dos bens econômicos e pelo aguçamento das tensões sociais. O caráter autobiográfico da obra do autor permite-nos concluir que a visão ácida e crítica que José Lins do Rego retrata em sua obra sobre o processo de modernização da cidade de Recife, no início do século XX, mas especificamente a partir de 30, é rica em representações, já que buscou se contrapor exatamente à industrialização e proletarianização dos trabalhadores e a elite industrial burguesa, elite esta que vinha substituir a antiga aristocracia açucareira. Por se tratar de uma crítica, mesmo que partindo da uma

²² ARAUJO, op cit

elite falida contra outra em ascensão, acreditamos haver ligações cognitivas com a realidade dos subúrbios, uma vez que a intenção do autor deveria ser denunciar a nova forma de exploração que era, em sua ótica, pior que a antiga relação dos engenhos. Por isso, seus personagens fogem do campo para sofrer na cidade, por isso seus personagens sempre lembram nostálgicos da vida campestre. E por fim, é por isso que Ricardo não atinge os seus sonhos que tivera quando abandonou a zona rural, e quando pensa em retornar para lá, o campo não é mais como antigamente; o monstro da modernidade invade também seu antigo lar, destituindo as antigas elites de seus postos de exploradores.

Referências

- ARAUJO, Rita de CÁSSIA Barbosa de. (2006) Carnaval de Recife: A alegria guerreira. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000100011, acesso em junho de 2006
- BATALHA, Cláudio. O movimento Operário na Primeira Republica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2000.
- FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos: A continuação de Casa Grande e Senzala. 10ªed. Rio de Janeiro: Record, 1998
- GINZBURG, Carlo. O Queijo e os Vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. Relações de Força. História, Retórica, Prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HOBBSAWN, Eric. As origens e o desenvolvimento da Revolução Industrial Britânica In: MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flavio Costa; FARIA, Ricardo de Moura. História Contemporânea através de textos. São Paulo: Contexto, 1990.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. 2ª ed. Belo Horizonte: Autentica, 2004.
- PONTUAL, Virgínia (2006). Tempo do Recife: representações culturais e configurações urbanas http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000300008, acessado em junho de 2006.
- RABELO, Evandro. O Recife e o Carnaval. In: FREYRE, Gilberto It All. Um Tempo do Recife. Recife: Arquivo Público Estadual, 1978
- REGO, José Lins do Rego. O Moleque Ricardo. 24ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004